

BULLYING ESCOLAR NO BRASIL: VISÃO TEÓRICA, CONCEPÇÃO DE PROFESSORES E ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

Josiane Carlota da Silva*
Jéssica de Lima Oliveira**
Rachel Maya Brotherhood***

RESUMO: *Bullying* é uma palavra de origem inglesa que envolve um gama de comportamentos agressivos intencionais, comportamentos estes que prejudicam o desenvolvimento escolar, social e psicológico de quem agride e de quem é agredido. Podemos entender que, para ser considerado *bullying*, é necessário que o comportamento agressivo apresente repetições e aconteça em um contexto de desequilíbrio de poder. Entretanto, muitos são os fatores que influenciam a conduta *bullying*, por isso é necessário que, enquanto profissionais da educação, saibamos identificar esse tipo de violência. Movidas pela preocupação com a atual realidade do cenário educacional brasileiro, tendo em vista que este é nosso campo de trabalho, procuramos pesquisar a cerca deste assunto a fim de nos informar melhor sobre o tema e, ao mesmo tempo, levar mais informações a outros profissionais desta área. Embora saibamos que o *bullying* não pode ser tratado como um fenômeno exclusivo da área educacional, entendemos que a escola, por ser um palco de relações sociais, deve trabalhar para que este fenômeno seja minimizado. Conseqüentemente, a intenção deste estudo foi apreender a concepção que profissionais do setor educacional têm sobre *bullying* e, por meio de um estudo teórico sobre o tema, sugerir quais atitudes os professores devem ter para resolver o problema em seu ambiente escolar. Foi aplicado um questionário com perguntas abertas e fechadas, numa perspectiva qualiquantitativa, e as respostas foram analisadas e selecionadas de acordo com os objetivos deste projeto. Desta forma, pretendemos colaborar para que os profissionais da educação e funcionários envolvidos com a atividade escolar em todos os aspectos saibam identificar a conduta *bullying*, diferenciando-a de outros tipos de violência e saibam encaminhar os problemas, que eventualmente sejam identificados na escola.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*; Percepção do Professor; Formas de Atuação da Escola.

BULLYING IN BRAZILIAN SCHOOLS: THEORETICAL ASPECTS, TEACHER'S OPINIONS AND DIDACTIC ORIENTATIONS

ABSTRACT: Bullying involves an array of intentional and aggressive types of behavior that damage schooling, social and psychological development of the aggressor and the agressed. Strictly speaking, bullying comprises repeated aggressive behavior within a context of force imbalance. Many factors affect the bullying behavior and it is important that education professionals identify this type of violence. Since the above concern pervades the Brazilian educational system, current analysis forwards an in-depth study on the theme and, at the same time, informs other educational professionals on the subject. Although bulling cannot be said to be an exclusive phenomenon in education, it is the role of the school, as a theatre of social relationships, to minimize the phenomenon. Current investigation deals with the notion that educational professionals have on bullying and suggests the attitudes they should take to solve the problem within the school milieu. An open and closed questionnaire was applied within a qualitative and quantitative perspective. Answers, analyzed and selected according to the project's aims, are a collaboration for educational professionals and school staff involved within schooling activities to identify a bullying behavior, especially through its differentiation from other types of violence. They may thus know how to solve such a phenomenon identified in the school.

KEYWORDS: Bullying; Teachers' Perception; Ways of Performing in the School.

* Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá - PR. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Cesumar (PROBIC). E-mail: josiane.carlota@hotmail.com

** Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá - PR. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Cesumar (PROBIC). E-mail: jessica_16lima@hotmail.com

*** Orientadora, Docente Doutora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. E-mail: rachel.maya@cesumar.br

INTRODUÇÃO

O *bullying* vem se disseminando no âmbito escolar e nos demais contextos. Sua ação maléfica traumatiza o psiquismo de suas vítimas, provocando um conjunto de sinais e sintomas bastante específicos que caracterizam uma nova síndrome, denominada por Fante de Síndrome de Maus-Tratos Repetitivos (SMTR) (FANTE, 2005). Esse tipo de comportamento agressivo se dá em escolas de todo o mundo sejam públicas ou particulares, ricas ou pobres, municipais, estaduais ou federais.

O primeiro a fazer relações entre o fenômeno *bullying* e o comportamento escolar foi Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega. Ao pesquisar sobre as tendências suicidas de adolescentes, ele descobriu que a maioria destes tinha sofrido algum tipo de ameaça (FERNANDES, 2010).

Assim o comportamento *bullying* existe desde a existência da própria escola “porém somente há pouco mais de três décadas é que se tornou um assunto estudado com parâmetros científicos” (FANTE; PEDRA, 2008, p 52), seja pelos novos significados assumidos pela escola ou pelas modificações do mundo contemporâneo.

A intenção deste estudo foi apreender a concepção que acadêmicas estagiárias na área do sistema educativo e professores de ensino fundamental (5ª a 8ª série) têm sobre *bullying* e, por meio de um estudo teórico sobre o tema, determinarmos quais atitudes os professores poderiam ter para resolver o problema em seu ambiente de trabalho, a escola.

A consciência de que é preciso conhecer a realidade para mudá-la parte do princípio de atuar no sentido de levar algo significativo para as instituições de ensino, tanto para alunos quanto para os profissionais da educação. Assim sendo, torna-se fundamental que os educadores saibam identificar cada tipo de violência a fim de que suas intervenções e atitudes sejam adequadas a cada situação, pois uma abordagem inadequada traz o risco de criminalizar comportamentos comuns e uma abordagem restrita pode desconsiderar vítimas.

Esperamos, a partir de uma análise dos dados da pesquisa e da sua interpretação à luz da literatura,

responder questões mal interpretadas e levar novas visões teóricas para que o problema *bullying* seja visto de uma maneira clara, evitando falsas concepções e propiciando atitudes adequadas.

2 METODOLOGIA

Inicialmente aplicamos um questionário com 10 questões abertas e fechadas, a cinco acadêmicas do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, da cidade de Maringá – PR (estagiárias na Educação Infantil). Em seguida, o mesmo questionário foi aplicado a dez professores do Ensino Fundamental do Colégio Estadual do Jardim Panorama da cidade de Sarandi – PR.

A escolha da escola foi feita por sorteio, dentro do conjunto das escolas de Ensino Médio do município e o questionário foi aplicado após autorização do diretor da escola.

Os dados coletados foram analisados por meio da técnica de análise de discurso (análise qualitativa) e agrupados em tabelas e gráficos, conforme classificação realizada a partir da análise.

Paralelamente ao processo de coleta e análise dos dados, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Esta pesquisa forneceu informações referentes ao *bullying* nas escolas. As informações coletadas na literatura foram organizadas neste artigo que será divulgado posteriormente entre os sujeitos da pesquisa como forma de instrumentalizá-los para enfrentarem o problema, caso ele ocorra em suas salas de aula ou na escola.

Segue abaixo uma tabela com os dados dos entrevistados:

Tabela 1 Dados dos entrevistados

Idade	Entre 21 e 58 anos
Idade média	34 anos
Sexo masculino	20 %
Sexo feminino	80 %
Anos de docência	Entre 1 e 32
Idade média de docência	12 anos
Leccionam apenas no colégio entrevistado	77 %

Fonte: Elaborada pelos autores

3 RESULTADOS

Todos os entrevistados afirmam que já ouviram falar de bullying e de acordo com eles *bullying* é:

Pressão psicológica, agressão verbal e moral. (docente C)

[...] se refere a atos agressivos que se repetem continuamente, exercido por um ou mais indivíduos, com o objetivo de intimidar ou agredir, impossibilitando a capacidade do outro de se defender. (docente D)

São atitudes, comportamentos agressivos que marcam a vida dos agredidos. (docente M)

É uma forma de discriminação. Isto pode ocorrer tanto na rede escolar quanto em outras repartições. A pessoa discriminada pode sofrer discriminação física/emocional, ocasionando outras doenças no indivíduo que é vítima do *bullying*. (docente M)

As categorias, relativas às manifestações de *bullying* e os percentuais de indicação apontadas nas falas dos entrevistados, se encontram no quadro abaixo:

Quadro 1 Categorias dos entrevistados

Expressões pejorativas repetitivas	7%
Pressão psicológica	7%
Agressão verbal, moral e física	42%
Atos agressivos repetitivos	28%
Agressão intencional	7%
Tipo de violência	14%
Discriminação	14%
Diminuição do outro	7%

As respostas mostram que 33% dos sujeitos notam o *bullying* presente em quase todos os contextos escolares trazendo grandes prejuízos às vítimas, sendo um problema que pode afetar o sujeito emocional e fisicamente. A agressividade também está presente nas respostas destes professores como um indicativo. 25% observam como sendo um tipo de violência presente em todas as áreas da sociedade, um problema social relacionado a grupos sociais; 14% um problema alarmante que aumenta na sociedade a cada dia; 21% veem como algo que exige orientação e ações de alunos, pais e professores que favoreça seu controle, e 7% vê o

bullying como algo sem solução, já que parece não existir punição e nem interesse por mudança.

Uma das questões abordadas foi como os sujeitos veem o *bullying*. Seguem algumas respostas escritas por eles:¹

O problema do *bullying* poderá ocasionar conflitos psicológicos na formação do agredido, podendo refletir em sua relação na sociedade. (docente D - atua a 1 ano)

Um problema atualmente bastante ocorrido que precisamos saber como intervir de maneira com que isso acabe, conversando com os alunos em sala de aula sobre o preconceito, formando indivíduos que saibam se colocar no lugar do outro, solidário, ético, a fim de evitar que o aluno forme uma personalidade em que tais valores não estejam incluídos. (docente K - atua a 4 anos)

Um problema sério, que exige muita conversação e atenção dos professores, orientação pedagógica, pais. (docente L - atua a 12 anos)

Algo sem solução – Não existe punição e nem interesse em mudar isso. As pessoas que fazem isso sabe que tudo acabará em pizza. (docente A - atua a 19 anos)

É um problema social. Questão de saúde pública também. Principalmente das instituições escolares deveria ter profissionais melhores preparados para lidar com diversas situações que ocorrem no interior e no seu entorno. (docente O - atua a 25 anos).

Em seguida a questão abordada revela os meios pelos quais os sujeitos tiveram contato com *bullying*. O gráfico a seguir demonstra suas respostas:

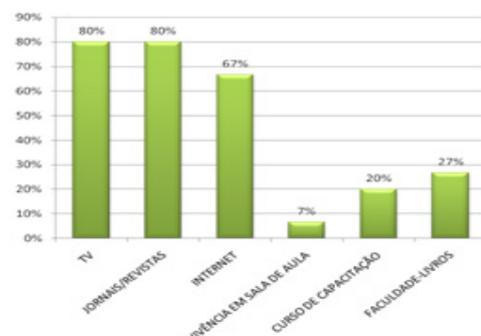


Gráfico 1 Contato com o *bullying*

¹ As respostas foram transcritas como formuladas pelos entrevistados, sem correções na linguagem.

Analisando o gráfico acima podemos perceber que 80% dos entrevistados disseram que seu contato com o *bullying* foi por meio da televisão, jornais e revistas, 67% por meio da internet, 7% na vivência com os alunos em sala de aula, 20% curso de capacitação oferecido pelo Estado e 27% por meio da faculdade. Vale ressaltar que a maioria dos sujeitos identificou mais de um meio de contato com *bullying*.

Outra questão abordada foi relacionada às causas possíveis desta violência.

A falta de religião e a desestrutura familiar aparece em 35 % das respostas dos entrevistados. O restante tem opiniões diversificadas, como: violência presenciada; violência assistida na TV; falta de limites; ausência de valores; desrespeito com os outros; reafirmação da própria imagem; sensação de poder; falta de conhecimento relacionado ao que os apelidos pejorativos e insultos podem causar; apelidos para facilitar falar com as pessoas; traumas psicológicos; falta de conhecimentos por parte dos profissionais.

Ao questionarmos sobre a responsabilidade da escola com relação ao bullying, 72% concordaram que a escola tem responsabilidade em relação a este problema. Destes, 21%, além de concordar, acrescentam que a escola tem o papel de esclarecer, prevenir, evitar e deve conhecer e saber resolver este problema para trabalhar com os alunos e com os danos que o mesmo pode causar; 21% diz que a escola não tem responsabilidade nenhuma com relação ao problema *bullying* e ainda 7% respondeu sim e não sem justificativa.

Na questão sete abordamos a responsabilidade da família com relação à conduta *bullying*. 37% aponta que dar educação é uma responsabilidade da família, esta tem um papel fundamental na formação do caráter e da personalidade, na conscientização e na transmissão de valores; 21% aponta que a família deve ter uma relação dialógica com os filhos e a escola; 7% aponta a ausência dos pais na formação dos filhos; 35% aponta que a família deve buscar orientação de profissionais para resolver o problema, orientar o filho, comunicar à escola ao perceber que a criança está sendo agredida e auxiliar a escola na punição dos agressores.

Procuramos saber a ocorrência de agressões

sofridas pelos sujeitos de nossa pesquisa. Os dados obtidos estão retratados no gráfico abaixo:

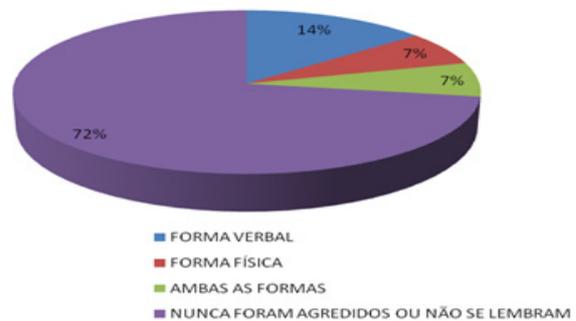


Gráfico 2 Ocorrências de agressões sofridas pelos sujeitos da pesquisa

A tabela a seguir mostra o gênero dos agressores, a faixa etária e as séries em que estudavam quando cometeram a agressão.

Tabela 2 Gênero dos agressores

Sexo feminino	1 % dos agressores
Sexo masculino	99% dos agressores
Idade	Entre 11 e 14 anos
Séries	Entre 6 ^a e 7 ^a séries

Fonte: Elaborada pelos autores

Para finalizar o questionário elaboramos uma questão aberta onde os entrevistados poderiam falar algo mais sobre *bullying*. 86% deixou a questão em branco, o restante respondeu como:

É muito triste constatarmos que na maioria das vezes o *bullying* é encarado como uma coisa normal, brincadeira de crianças, como muitos pais dizem, quando chamados pela escola. É preciso maior esclarecimento e que os agredidos não deixem pra lá como sempre acontece. E preciso punição! (docente M)

O problema às vezes não é visto por quem pratica muitas vezes a pessoa não tem objetivo de agredir ou ofender usando os termos sem avaliar a gravidade da situação. (docente E)

Ao fim do questionário perguntamos a opinião dos entrevistados sobre quais atitudes e/ou estratégias a escola deve adotar para combater o *bullying*. 63% disse que a escola precisa debater o assunto em

conjunto com a família e os alunos e sugeriu que a instituição escolar deve proporcionar palestras, vídeos e atividades diferenciadas para os alunos, elaborar projetos trabalhando com valores morais dentro da sala de aula. 14% aponta que a escola deve promover cursos de prevenção para toda sociedade incluindo os profissionais da educação. 28% diz que deve haver um trabalho individualizado com alunos que apresentam problemas, que a escola deve conhecer as realidades, responsabilizar a família, convocando os órgãos competentes: núcleo de educação, conselho tutelar e outros órgãos responsáveis pelos menores agressores e contar com rede de apoio.

4 DISCUSSÃO

Por meio das respostas destes profissionais podemos perceber que a concepção sobre o *bullying* muitas vezes está incompleta e baseada em significados midiáticos. Poucos souberam diferenciar com clareza e propriedade o verdadeiro significado da palavra. Neste sentido, para que possamos obter uma resposta adequada, evitando falsas concepções, buscamos a visão de alguns autores sobre *bullying*.

O termo *bullying* não tem uma palavra correspondente em português e, muitas vezes, é utilizado de maneira equivocada, referindo-se a episódios de conflitos interpessoais entre estudantes, os quais não se caracterizam pelos critérios indicados.

Tatum (1999) citado por Fante (2005), Pereira, Almeida e Valente (1994) têm a mesma concepção do significado de *bullying*. Traduzem como agressividade ou violência, empregando o termo de origem inglesa adotado em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de expor outra pessoa e colocá-la sob tensão. Este termo conceitua os comportamentos agressivos e antissociais. E é utilizado nos estudos sobre o problema da violência escolar.

Zawadski e Middleton-Moz assim conceituam *bullying*:

O *bullying* envolve atos, palavras e comportamentos prejudiciais e intencionais

repetidos e não se limita ao ambiente escolar. Os comportamentos incluídos no *bullying* são variados: palavras ofensivas, humilhações, difusão de boatos, fofocas, exposição ao ridículo, transformação em bode expiatório e acusações, isolamento [...] socos, agressões, chutes, ameaças, insultos, ostracismo, sexualidade, ofensas raciais, étnicas, ou de gêneros (ZAWADSKI; MIDDLELTON-MOZ, 2007, p. 21).

Fernandes (2010) define:

O termo *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outros, por professores ou mesmo pela Direção da escola, causando dor, angústia, humilhação, sofrimento que podem comprometer a qualidade de vida de suas vítimas. Executadas dentro de uma relação desigual de poder, os atos repetidos, o medo, a culpabilidade e a exclusão são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima (FERNANDES, 2010, p. 2).

Fante (2005) ainda destaca que, no Brasil, adotamos o termo *bullying* que é empregado na maioria dos países. Entretanto, mostra que um estudo realizado em 14 diferentes países teve como objetivo identificar palavras nativas que se assemelham ao conceito. Identificaram-se 67 palavras relacionadas, contudo nenhuma delas abrange o significado do termo inglês.

De acordo com Hoover e Oliver (1996, *apud* BOYNTON; BOYNTON; BREDÁ, 2008, p. 157), o *bullying* é um abuso físico e psicológico realizado por um *bully*. “O abuso pode incluir ostracismo físico, verbal, sexual ou social.” Normalmente a vítima é mais fraca física ou emocionalmente que o agressor e esses abusos podem resultar em humilhação ou ferimento.

Fante (2005) e Silva (2010) afirmam que *bully*, é traduzido como “valentão”, “brigão”, “tirano” e como verbo significa brutalizar, amedrontar. Neste sentido, “a definição do *bullying* é compreendida como um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder” (FANTE, 2005, p. 28).

O desequilíbrio de poder é caracterizado pelo fato de que a vítima não consegue se defender facilmente, devido a vários fatores físicos, psicológicos e/ou de habilidades.

Todas as definições de *bullying* destacam a incapacidade da vítima para se defender, aliado ao fato de que a mesma, ao sofrer *bullying*, pode adquirir traumas em seu psiquismo.

Podemos entender que, para ser considerado *bullying*, é necessário que o comportamento agressivo apresente repetições e aconteça em um contexto de desequilíbrio de poder.

Caracteriza-se o *bullying* quando os ataques são desferidos pelo menos duas ou mais vezes sobre a mesma vítima ao longo de um curto período, podendo ser praticado entre alunos e entre professores. Entretanto, temos que ter em mente que, dependendo da gravidade da hostilidade destas ações, uma única atitude pode gerar vivências emocionais extremamente desagradáveis e aversivas em suas vítimas. Isso acontece porque a vítima adquire um medo, que tende a se tornar constante, de um novo ataque, podendo ocasionar grandes traumas e o abandono da vida escolar (SILVA, 2010).

O *bullying* é um problema de nível mundial e a cada dia se torna mais grave e frequente. De acordo com Silva (2010), o *bullying* pode acarretar graves transtornos comportamentais e/ou psíquicos e estes podem, muitas vezes, trazer prejuízos irreversíveis. A autora continua dizendo que o *bullying* pode causar sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social (transtorno de ansiedade social – TAS), transtorno de ansiedade generalizada (TAG), depressão, anorexia e/ou bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), transtorno de stress pós-traumático (TEPT) e quadros menos frequente como esquizofrenia, suicídio e homicídio.

Vale ressaltar que os problemas relatados por Silva, em sua maioria, apresentam uma carga genética considerável. Entretanto, a vulnerabilidade de cada indivíduo, aliada ao ambiente externo, às pressões psicológicas e às situações de estresse prolongado, podem desencadear transtornos que até então poderiam

ou não se manifestar (SILVA, 2010).

Com relação ao comportamento em sala de aula, por um lado o aluno espera que o professor saiba manter a ordem e a disciplina em sala de aula, por outro o professor começa a ter medo da reação de alguns alunos diante de alguma repressão. Desta forma, o convívio entre aluno e professor passa de uma relação profissional para uma relação de inimizade. Em muitas ocasiões, o aluno não está na escola apenas para adquirir conhecimento sistematizado, mas, sim, para buscar alguém que o ouça, e até mesmo lhe imponha regras, alguém que tenha coragem de fazer com que ele admita seus próprios erros e ajude-o a caminhar por outros campos (FANTE, 2005).

Entretanto, ao incorporar um papel de amigo, de orientador, não apenas no âmbito escolar, mas também para a vida do aluno, alguns professores são repreendidos pelos próprios alunos que não o aceitam como tal, e a autoridade do educador é entendida como invasiva, ocasionando intrigas que perpassam a escola, fazendo com que estas intrigas continuem ocasionando na violência caracterizada como *bullying*.

O cansaço mostrado por alguns dos sujeitos entrevistados evidencia a exigência de suas habilidades no combate a esta prática. O desrespeito, a discriminação, a indisciplina, as intimidações, as agressões verbais, entre outras, são atitudes que se tornaram comuns na relação entre alunos e professores.

É importante que se faça a distinção entre quem são as vítimas, quem são os agressores e quem são os espectadores. Isto se torna importante para que as escolas e as famílias envolvidas elaborem estratégias e tracem ações efetivas contra este comportamento.

Para Fante (2005), o poder do agressor é exercido pela imposição de autoridade que se apoia em sua força física e/ou psicológica, que o destaca perante o grupo, às vezes para garantir sua popularidade de *bad boy*.

A ação individual do agressor acaba se propagando e se transformando numa ação coletiva, fato que decorre de uma espécie de aliciamento por meio do qual os admiradores do agressor repetem suas condutas, atacando a mesma vítima ou outra.

Em relação às causas do *bullying*, Fante (2005) aponta como um dos possíveis determinantes a ausência de modelos educativos humanistas e a não aceitação das diferenças pessoais inerentes a todos os seres humanos, assim como a necessidade que o agressor tem de reproduzir contra outros os maus tratos sofridos tanto em casa quanto na escola. Esta seja talvez uma maneira de exercer autoridade e de se fazer notado, ou talvez seja a única forma que lhe foi ensinada para lidar com as inseguranças pessoais sentidas diante do grupo de iguais, buscando com isso o reconhecimento, a autoafirmação e a satisfação pessoal.

É fundamental que a instituição escolar reconheça que a violência é um problema social e, nesse sentido, seu papel se torna indispensável para a redução das agressões trazidas pelo *bullying*.

Por meio de programas preventivos a escola deve estabelecer uma parceria com as famílias, os alunos e todos os outros envolvidos para garantir sua eficácia. Assim sendo, cada escola pode organizar uma equipe para articular políticas de prevenção e de capacitação de seus profissionais, para atuar de forma correta, propiciar um ambiente mais seguro, “pois, quando há um clima de segurança, o medo gerado pelo *bullying* é minimizado” (ZAWADSKI; MIDDLETON-MOZ, 2007, p. 90).

Geralmente existe constrangimento e até mesmo medo por partes dos estudantes que sofrem *bullying* em expor esse problema, como explica Rocha (2008)

As vítimas, dependendo de suas características individuais e de sua relação com os ambientes em que vivem em especial a família, podem não superar os traumas sofridos na escola. Dificuldades em tomar iniciativas ou de se expressar e sentimentos negativos - especialmente baixa auto-estima, causados ou agravados pelo *bullying* - irão atrapalhar seus relacionamentos pessoais e profissionais.

Os professores precisam estar atentos de forma a obterem informações a respeito do *bullying* para que saibam trabalhar com alunos e com as vítimas que venham a apresentar comportamentos de *bullying* e possam orientá-los. Pois, além de interferir no processo

da aprendizagem, o *bullying* se reflete no cotidiano do aluno. Por isso, é necessário ensinar sobre a importante participação social de cada um, criando um método que seja adequado a todos os alunos. “Dessa forma os alunos aprendem que as diferenças sempre existirão, mas são os diferentes que fazem a diferença” (FANTE; PEDRA, 2008, p. 320).

Abramovay (2009) diz que a escola é palco de uma gama de relações sociais, que envolve diversas pessoas de diferentes idades, classes sociais e personalidades e deixou de ser um lugar protegido devido às várias violências que acontecem na sociedade e acabam se refletindo na instituição escolar. Continua afirmando que;

[...] devido as suas especificidades como instituição, fomenta e constrói múltiplos e variados tipos de violência. A escola pode ser vítima, mas também autora dos processos violentos. Como vítima, pode-se considerar que a violência existe na sociedade, independente da escola. (ABRAMOVAY, 2009, p. 27)

A responsabilidade escolar, segundo Silva (2010), deve ser compartilhada com pais e familiares dos alunos por meio de palestras, indicações de livros e filmes, divulgações de textos, distribuição de cartilhas, desenvolvimento de projetos artísticos que premiam o combate ao *bullying*.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais e ética - PCN's (BRASIL, 1998 *apud* SANTOS, 2007), o professor deverá trabalhar em seu cotidiano pedagógico os conteúdos de ética, onde se prioriza o convívio escolar. Os conteúdos foram divididos por blocos sendo eles: respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade. Se o professor souber aplicar em seu cotidiano pedagógico tais conteúdos pode contribuir para que o ambiente escolar seja um ambiente favorável à aprendizagem de todos os alunos.

Assim, o professor tem o dever de passar para os alunos a importância do respeito mútuo, do diálogo, da justiça, da solidariedade, bem como trabalhar as diferenças e os direitos das crianças em sala de aula,

não em uma matéria específica, mas promovendo a interdisciplinaridade incluindo estes assuntos em sua prática diária.

Santos (2007), a partir do PCN, faz uma importante reflexão sobre o papel do professor diante de casos de *bullying*, destacando que o professor não deve admitir casos de desrespeito e sugere qual atitude o docente pode ter com relação a isso,

[...] não se trata de punir os alunos, trata-se de explicar-lhes com clareza o que significa dignidade do ser humano, demonstrar a total impossibilidade de se deduzir que alguma raça é melhor que a outra, trata-se de fazer os alunos pensarem e refletirem a respeito de suas atitudes [...] (BRASIL, 1998, apud SANTOS, 2007, p. 24).

O discurso docente tem de ser coerente com a sua prática pedagógica, pois de nada adianta passar um ensinamento ético para seus alunos e agir de forma contrária a esses ensinamentos.

O medo, a insensibilidade, a dificuldade de compreender e se colocar no lugar do outro e a intolerância às diferenças individuais prejudicam o ensino, a aprendizagem e as relações sociais; entretanto, mesmo havendo diferenças físicas, psicológicas ou sociais todos podem conviver de maneira harmoniosa.

Fante (2005) diz que o ideal é que todas as escolas tomem a iniciativa de prevenir a violência antes que ela se instale no meio e inviabilize o processo educativo; no entanto, sabemos que muitas são as atribuições da instituição escolar e a realidade das escolas muitas vezes não permite que muita coisa seja mudada.

Conhecer a realidade da escola – conscientização – e assumir o compromisso de intervir nos problemas – comprometimento – são os dois passos decisivos para começar a abordar a questão da violência em uma escola: primeiro, portanto, a conscientização, e segundo, o compromisso. O envolvimento de todo o pessoal da escola, dos familiares e da comunidade em que a escola está inserida é essencial para a obtenção de resultados positivos. Todos devem reconhecer que a responsabilidade de controlar, dentro do

possível, o que se passa entre as crianças e os jovens em uma escola também é sua. Uma forma de exercer sua responsabilidade é o compromisso e a ação (FANTE, 2005, p. 97).

O programa *antibullying* Educar para a Paz é um exemplo disso. Neste há a sugestão para soluções por meio de um conjunto de estratégias psicopedagógicas que devem ser aplicadas junto aos profissionais da educação, alunos, pais e comunidade onde a escola está inserida. A proposta do programa tem como base a tolerância, a solidariedade, o respeito às diferenças e a cooperação, visando a construção de um ambiente de paz na escola (FANTE 2005 *apud* FANTE; PEDRA 2008).

Em relação às vítimas, de acordo com Fante (2005), os pais devem procurar elevar a autoestima de seus filhos, ressaltando suas capacidades, sem culpá-los pelo que está acontecendo e nem incentivar a revidar os ataques. Ao mesmo tempo devem atentar para não se precipitarem ao considerar seus filhos como vítimas de *bullying*. O ideal é observar se o próprio comportamento da criança não é o causador de sua rejeição, ou se a mesma inconscientemente provoca situações com as quais não consegue lidar. Neste caso, é preciso acompanhamento de psicólogos para que o problema seja resolvido.

De acordo com a American Academy of Child and Adolescent Psychiatry (*apud* FANTE, 2005), os pais devem dialogar estimulando o filho a contar o que lhe ocorre na escola, de maneira acessível e aberta. No entanto, não devem tomar nenhuma iniciativa contra o agressor, a não ser comunicar o fato à direção escolar e exigir que busquem informações sobre os programas que estão sendo desenvolvidos em outras escolas e comunidade para combater o *bullying*.

Os métodos educativos ambíguos, práticas educativas excessivamente inconscientes, restritivas e punitivas, a desestruturação familiar, marcada pela ausência de um dos genitores ou pela falta de bom entendimento afetivo entre os pais e seus filhos, a falta de tempo para os filhos, pais que se veem obrigados a trabalhar cada vez mais para manter a família, dispondo de pouco tempo que não é destinado às relações afetivas

de seus familiares são elementos que favorecem a comportamento hostil das crianças na escola, cada vez mais precocemente.

Dentre os fatores familiares que contribuem para a conduta agressiva da criança e dos adolescentes, Fante (2005) cita os maus tratos e o modelo educativo familiar. A criança aprende a resolver seus conflitos por meio da violência e não com base no diálogo e na compreensão.

Dentre as práticas de violência evidenciadas pelos estudiosos a violência psicológica é considerada a mais comum, comprometendo a estrutura psíquica da criança; a criança cria más impressões de si mesma, se sentido desprotegida, não aceita e não é amada devido aos inúmeros registros negativos que tem daqueles que são significativos.

Muitos se tornam abusadores, 'repetindo' na escola, contra os colegas, ou em casa, contra os irmãos menores, aquilo que sofreram. Outros quando chegam à idade adulta, reproduzem os abusos contra filhos ou cônjuge, ou, no local de trabalho, contra subordinados ou colegas (FANTE, 2005, p. 179).

Sobre a atitude dos pais, Silva (2010) nos explica que

[...] é imprescindível que os pais encontrem tempo para uma convivência saudável com seus filhos, estabelecendo um diálogo permanente sobre suas vidas, dúvidas, angústias, expectativas e o universo ao seu redor (SILVA, 2010, p. 171).

Conversas francas e transparentes entre pais e filhos deixando claros seus sentimentos e pensamentos tornam-se fundamentais. Antes de repreender os filhos é necessário ouvi-los e estar dispostos a ajudá-los dando-lhes segurança e autoconfiança. Os pais devem criar um modelo de educação familiar que contribua para que seus filhos tenham um bom convívio social, respeitando diferenças e opiniões diferentes das dele.

Escola e família são instituições interdependentes que assumem funções educativas que algumas vezes se confundem e em outras se sobrepõem. É preciso que ambas as instituições (familiar e escolar) mantenham um

diálogo que permita que as diferenças e divergências sejam discutidas e entendidas a fim de trabalharem juntas na formação de um cidadão consciente.

Com base nos dados de nossa pesquisa podemos perceber que a maior parte dos agressores se encontra na fase da adolescência, já que a pesquisa foi realizada com professores do Ensino Médio; contudo, de acordo com Fante (2008), "o comportamento *bullying* pode ser identificado em qualquer faixa etária e nível de escolaridade" (FANTE, 2008, p. 45).

Estudos demonstram que a maioria dos casos de *bullying* acontece nos primeiros anos escolares, porém, o agravamento dos episódios e a intensidade aumentam conforme aumenta o grau de escolaridade.

Uma pesquisa americana realizada por Alessandro Constantini apresenta um aumento de agressividade linear dos 3 aos 14 anos mostrando que a agressão física aumenta a partir dos 10 anos. Esta pesquisa mostra que a violência e as atitudes antissociais aumentam aproximadamente dos 12 anos em diante (CONSTANTINI, 2006 *apud* FANTE, 2008).

De acordo com Fante e Pedra (2008),

Em alguns países, pesquisas demonstraram que a média de idade de maior incidência entre os agressores situa-se na casa dos 13 aos 14 anos, em quanto às vítimas possuem em média 11 anos, fato que comprova a teoria de que os papéis dos protagonistas se intensificam conforme aumenta o grau de escolaridade (CONSTANTINI, 2006 *apud* FANTE; PEDRA, 2008, p. 47).

Estes autores mostram que estudos evidenciam que um quinto dos professores do ensino básico e dois terços dos professores do Ensino Médio, já foram alvos de *bullying*. No Brasil um levantamento feito por Fante e Pedra com 600 professores da rede pública e privada da cidade de São Paulo mostrou que 50% destes profissionais se envolveram em *bullying* quando estudavam e a maioria ainda sofre a consequência desse fenômeno (FANTE; PEDRA, 2008).

Os professores não devem se expor e nem expor seus alunos a riscos indevidos. Entretanto, muitos

profissionais da educação são assediados moralmente, humilhados ou ridicularizados por alunos ou até mesmo por colegas de trabalho. Pesquisas mostram que é crescente o envolvimento de professores em *bullying*, estes são agredidos com palavras abusivas e comentários sexistas em sala de aula. Neste sentido, caso o professor seja a vítima do *bullying* deve imediatamente procurar a direção escolar; e, se a escola se omitir, o profissional deve procurar a delegacia de polícia para lavrar boletim de ocorrências (FANTE; PEDRA, 2008).

Ao verificar uma situação de violência em sua escola, tanto professores como os demais envolvidos no processo educacional devem agir com prudência e confiança. Atividades interdisciplinares que motivem os alunos a refletir sobre suas atitudes e sobre as consequência destas podem ser uma boa estratégia.

Para Monteiro (2011), combater e prevenir o *bullying* na escola é responsabilidade de toda a instituição escolar. A mesma deve envolver funcionários, professores, diretoria, alunos e pais. Não se resolve o *bullying* escolar na polícia ou na justiça, últimas instâncias a serem procuradas, se todo o resto falou.

Considerando a possibilidade de atuação sobre o problema, Fante e Pedra (2008) sugerem que a prevenção deve começar pelo conhecimento do fenômeno. A escola precisa estar consciente dos prejuízos para a personalidade e o desenvolvimento socioeducacional dos estudantes. Neste sentido cabe à escola capacitar seus profissionais ensinando-os a observar, identificar e intervir de maneira correta. Além da união entre todos é necessário contar com o auxílio de outros profissionais externos, como psicólogos e assistentes sociais. É indispensável a parceria com promotorias públicas, delegacia da Criança e do Adolescente, Conselhos Tutelares, entre outros (FANTE; PEDRA, 2008).

É preciso que a escola realize pesquisas com os alunos, com a finalidade de ouvi-los para saber quais as suas experiências com *bullying*.

Uma atividade em forma de redação que estimule os alunos a falarem sobre a vivência do dia a dia escolar, evidenciando suas relações com os demais alunos, contribui para que o silêncio seja rompido possibilitando

a expressão dos sentimentos por meio da escrita. É claro que toda a atividade precisa ser tratada com um olhar ético para que não comprometa os próprios alunos e, ao mesmo tempo, deve ser aplicada com objetivo e clareza. Estas redações permitirão, depois de uma análise, a compreensão do perfil das salas e da instituição, o que pode resultar em um trabalho que envolva a escola toda em um movimento contra a prática do *bullying*.

É importante que a postura de perito seja abandonada e uma postura voltada para a colaboração e para a cooperação e o diálogo e compreensão seja adotada. Ao agir assim institui-se uma parceria, onde o poder passa a ser compartilhado e cada parte contribui de maneira valiosa. Os educadores, em um contexto de respeito, poderiam ter a oportunidade de verificar se os alunos aprovariam a ideia de os mesmos questionarem ou informar outras pessoas a cerca do problema. Apesar dos problemas do respeito e do *bullying*, os educadores e outros adultos tratariam os alunos como pessoas conhecedoras e dignas de consideração (BEAUDOIN, 2007).

O conceito de exteriorização segundo Beaudoin (2007) é uma prática desenvolvida por Michael White e baseia-se na ideia de que os problemas (assim como os hábitos indesejados) se desenvolvem devido uma série de circunstâncias (BEAUDOIN, 2007).

A exteriorização dos problemas sugere a percepção do problema como um fato distinto da identidade da pessoa. Ou seja, os sujeitos serão tratados como pessoas que lutam contra a raiva e o desrespeito e não como brigões. Ao se utilizarem desta prática, os educadores reconhecem que os problemas são reações as quais eles podem aprender a controlar (BEAUDOIN, 2007).

Essa perspectiva possibilita que as pessoas aprendam a controlar seu comportamento; conforme a comunidade passa a ver o problema como uma entidade separada, todos começam a valorizar as intenções dos alunos e seus talentos especiais. "Há uma mudança de foco: da acusação dos alunos passa-se para o trabalho em equipe e para a percepção dos esforços dos alunos contra os problemas" (BEAUDOIN, 2007, p. 60).

Beaudoin (2007) mostra que os efeitos

das práticas de autoridades tradicionais diferem consideravelmente dos efeitos das conversas exteriorizadas e os resultados da exteriorização são mais positivos do que a prática de autoridades tradicionais, pois o processo de expressar com clareza, observar e decidir a respeito dos problemas permite que o aluno assuma a responsabilidade e tenha objetividade em suas opções pessoalmente relevantes e experiências.

As investigações criminais e o julgamento dos agressores não é função da escola, entretanto, ao constatar ocorrências de atos ilícitos em seu interior ou no entorno da instituição, é fundamental que a mesma faça ocorrência policial, para que os atos infracionais sejam devidamente apurados pelas autoridades competentes, visando à responsabilidade dos culpados.

Quando a escola sofrer ameaças, como ser explodida ou invadida ou outros casos semelhantes, deve-se, de acordo com Fante e Pedra (2008), comunicar à direção escolar, preferencialmente por escrito. Monteiro (2011) segue dizendo que, em alguns estados brasileiros, como Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, existem leis sancionadas determinando que as escolas desenvolvam programas de prevenção e combate ao *bullying*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todas as ideias citadas podemos concluir que o ideal é que escola e o poder público estejam junto com a família e a comunidade para o combate desta prática. É imprescindível que os profissionais tenham uma capacitação para lidar com o problema *bullying*.

Com esta pesquisa, concluímos que o *bullying* precisa estar melhor esclarecido entre os professores; muitos destes profissionais não sabem o verdadeiro significado da palavra.

Percebemos também que uma grande parte dos sujeitos da pesquisa tem preocupação com o assunto, pois, além de participar de cursos de capacitação, propõem que projetos sejam feitos, onde pais, alunos e professores sejam mais informados sobre o que é *bullying*, como evitá-lo e como trabalhar com situações

que ocasionalmente venham a acontecer.

A escola deve adotar estratégias de prevenção e intervenção no comportamento agressivo, assim como propor capacitações para seus profissionais.

Autores preocupados com esta situação estão desenvolvendo estratégias que podem contribuir para a diminuição da violência escolar, tais como assembleias de classe, os jogos cooperativos, as dinâmicas de esclarecimentos de valores e programas *antibullying*.

Concluindo, diríamos que não podemos deixar uma ação desta natureza passar despercebida, pois a escola tem a chave para o sucesso das ações de prevenção e controle do *bullying*.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Anna Lucia; CALAF, Priscila Pinto. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília, DF: RITLA; SEEDF, 2009
- BEAUDOIN, Marie Nathalie; TAYLOR, Mureen. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola**. Tradução; Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BOYNTON, Mark; BOYNTON, Christine; BREDÁ, Ana Paula Pereira. **Prevenção e resolução de problemas disciplinares: guia para educadores**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Verus, 2005.
- FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.
- FERNANDES, Jackie. **Eu já sofri bullying e você?** 27 mar. 2010. Disponível em: <<http://arcadenoe.ning.com/profiles/blogs/eu-ja-sofri-bullying-e-voce>>. Acesso em: 10 abr. 2010.
- MONTEIRO, Lauro. **Diário oficial de Porto Alegre**. Disponível em: <<http://naodaparaficarcalado.blogspot.com/2010/06/lei-sobre-bullying-e-sancionada-no-rio.html>>. Acesso em: 17 set. 2011.
- MONTEIRO, Lauro. (Ed.) **Observatório da infância**.

Disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=1062>. Acesso em: 03 set. 2011.

PEREIRA, B., ALMEIDA, A., VALENTE, L. Projecto "Bullying": análise preliminar das situações de agressão no ensino básico. ENCONTRO NACIONAL DE LUDOTECAS E ESPAÇOS DE JOGO AO AR LIVRE, 6., 1994, Lisboa. **Encontro...** Lisboa, Portugal: [s.n.], 1994.

SANTOS, Luciana Pavan Ribeiro dos. **O papel do professor diante do Bullying na sala de aula**. 2007. 65f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciência, Bauru, 2007. Disponível em: <<http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Luciana%20Pavan%20-%20Final.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2009.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ROCHA, Sílvia. **Bullying**: a violência que atinge muitas crianças! Disponível em: <<http://www.via6.com/topico.php?tid=185921>>. Acesso em: 19 set. 2008.

ZAWADSKI, Mary Lee; MIDDELTON-MOZ, Jane. **Bullying**: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

Recebido em: 30 de outubro de 2012

Aceito em: 27 de novembro de 2012